

DOCUMENTO:
BASES ANALÍTICAS DA ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA
DA LÍNGUA PORTUGUESA DE 1945,
RENEGOCIADAS EM 1975 E CONSOLIDADAS EM 1986

BASE I **Das letras k, w e y**

O **k**, o **w** e o **y** mantêm-se nos vocabulos derivados eruditamente de nomes proprios estrangeiros que se escrevam com essas letras: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *byroniano*, *taylorista*. Tais letras são licitas em siglas, simbolos, abreviações e mesmo palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional.

BASE II **Dos derivados de nomes estrangeiros**

Em *congruencia* com a base anterior, mantêm-se nos vocabulos derivados eruditamente de nomes proprios estrangeiros, não tolerando substituição, quaisquer combinações graficas não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: *comtista*, de *Comte*; *garrettiano*, de *Garrett*; *jeffersonia*, de *Jefferson*; *mulleriano*, de *muller*; *shakespeariano*, de *Shakespeare*.

Os vocabularios autorizados *registrarão* grafias alternativas admissíveis, em casos de divulgação de certas palavras de tal tipo de origem (a exemplo de *fúcsia/fuchsia* e derivados, *buganvilla/buganvillea/bougainvillea*).

BASE III **Do h inicial**

O **h** inicial emprega-se: 1º) por força da etimologia: *haver*, *helice*, *hera*, *hoje*, *hora*, *humano*; 2º) em virtude de tradição grafica mais longa, com origem no proprio latim e com paralelo em linguas românicas: *humor*; 3º) em virtude de adoção convencional:

hã? hem?, hum! Admite-se, contudo, a sua supressão, apesar das etimologias, quando ela está inteiramente consagrada pelo uso: *erva*, em vez de *herva*; e, portanto, *ervaçal*, *ervanario*, *ervoso* (em contraste com *herbaceo*, *herbanario*, *herboso*, formas de origem erudita).

Se um **h** inicial passa a interior, por via de composição, e o elemento em que figura se aglutina ao precedente, suprime-se: *anarmonico*, *biebdomadario*, *desarmonia*, *desumano*, *exaurir*, *inabil*, *lobisomem*, *reabilitar*, *reaver*, *transumar*. Iguualmente se suprime nas formas do verbo *haver* que entram, com pronomes intercalados, em conjugação de futuro e de condicional: *amá-lo-ei*, *amâ-lo-ia*, *dir-se-á*, *dir-se-ia*, *falar-nos-emos*, *falar-nos-íamos*, *juntar-se-lhe-ão*, *juntar-se-lhe-iam*.

BASE IV **Do h em final de origem hebraica**

Os digramas finais de origem hebraica **ch**, **ph** e **th** conservam-se integros, em formas onomasticas da tradição biblica, quando soam (*ch = c*, *ph = f*, *th = t*) e o uso não aconselha a sua substituição: *Baruch*, *Loth*, *Moloch*, *Ziph*. Se, porém, qualquer desses digramas, em formas do mesmo tipo, é invariavelmente mudo, elimina-se: *José*, *Nazaré*, em vez de *Joseph*, *Nazareth*; e se algum deles, por força do uso, permite adaptação, substitui-se, recebendo uma adição vocálica: *Judite*, em vez de *Judith*.

BASE V **Da homofonia de certas consoantes**

Dada a homofonia existente entre

certas consoantes torna-se necessario diferenciar os seus empregos graficos, que fundamentalmente se regulam pela etimologia e pela historia das palavras. É certo que a variedade das condições em que se fixam na escrita as consoantes homofonas nem sempre permite facil diferenciação de todos os casos em que se empregar uma consoante e daqueles em que, diversamente, se deve empregar outra, ou outras, do mesmo som; mas é indispensavel, apesar disso, ter presente a noção teorica dos varios tipos de consoantes homofonas e fixar praticamente, até onde for possivel, os seus usos graficos, que nos casos especiais ou dificeis a pratica do idioma e a consulta do vocabulario ou do dicionario irão ensinando.

Nesta conformidade, importa notar, principalmente, os seguintes casos:

1º) Distinção entre **ch** e **x**: *achar, archote, bucha, capacho, capucho, chamar, chave, Chico, chiste, chorar, colchão, colchete, endecha, estrebuchar, facho, ficha, flecha, frincha, gancho, inchar, macho, mancha, murchar, nicho, pachorra, pecha, pechincha, penacho, rachar, sachar, tacho; ameixa, anexim, baixel, baixo, bexiga, bruxa, coaxar, coxia, debuxo, deixar, eixo, elixir, enxofre, faixa, feixe, madeixa, mexer, oxalá, praxe, puxar, rouxinol, uxe (interjeição), vexar, xadrez, xarope, xenofobia, xerife, xícara.*

2º) Distinção entre **g** palatal e **j**: *adagio, alfavame, algeme, algebra, algema, algeroz, Algés, algibebe, algibeira, algido, almargem, Alvorge, Argel, Bagé, estrangeiro, falange, ferugem, frigid, gelosia, gengiva, gergelim, geringonça, Gibraltar, ginete, ginja, girafa, glória, herege, relógio, sege, Tanger, virgem; adjetivo, ajeitar, ajeru*

(nome de planta indiana e de uma especie de papagaio), *canjeré, canjica, enjeitar, granjear, hoje, intrujice, jecoral, jejum, jeira, jeito, jelala, Jeová, jenipapo, jequiri, jequitibá, Jeremias, Jericó, jerimum, Jeronimo, Jesus, jiboia, jiquipanga, jiquiró, jiquitai-a, jirau, jiriti, jitrana, laranja, loja, Majé, majestade, majestoso, manjerico, manjerona, mucujé, pajé, pegajento, rejeitar, sujeito, trejeito.*

3º) Distinção entre as sibilantes surdas **s**, **ss**, **c**, **ç** e **x**: *ansia, ascensão, aspersão, cansar, conversão, esconso, farsa, ganso, imenso, mansão, mansarda, manso, pretensão, remanso, seara, seda, Seia, sertã, Sernacelhe, Singapura, Sintra, sisa, tarso, terso, valsa; abadessa, acosar, amassar, arremessar, Asseiceira, asseio, atravessar, benesse, Cassilda, codesso (identicamente, Codessal ou Codassal, Codesseda, Codessoso etc.), crasso, devassar, dossel, egresso, endossar, escasso, fosso, gesso, molosso, mossá, obsessão, pessego, possesso, remessa, sobresselente, sossegar; Acem, acervo, alicerce, cebola, cereal, Cernache, cetim, Cinfães, Escocia, Macedo, Obcecar, percevejo; açafate, açorda, açucar, almalço, atenção, berço, Buçaco, caçanje, caçula, caraça, dançar, Eça, enguiço, Gonçalves, inserção, linguica, maçada, Mação, maçar, Moçambique, Moçamedes, Monção, musulmano, murça, negaça, pança, peça, quiçaba, quiçama, quiçamba, Seica (grafia que pretere as erroneas Ceica e Ceissa), Seical, Suica, terço; auxilio, Maximiliano, Maximino, maximo, proximo. A proposito deve observar-se:*

a) Em principio de palavra nunca se emprega **ç**, que se substitui invariavelmente por **s**: *safio, sapato, sumagre*, em vez das antigas escritas *çafio*

o, *çapato, çumagre*.

b) Quando o prefixo se junta a um elemento que começava outrora por **ç**, não reaparece esta letra: mantém-se o **s**, que, encontrando-se entre vogais, se dobra: *assaloiado*, de *saloi*o (antigo *çaloio*), e não *açaloiado*.

4º) Distinção entre **s** de fim de sílaba, inicial ou interior, e **x** e **z** idênticos: *adestrar, Calisto, escusar, esdruxulo, esgotar, esplanada, esplendido, espremer, esquisito, estender, Estremadura, Estremoz, inesgotável; extensão, explicar, extraordinário, inextricável, inexperto, sextante, têxtil; capazmente, infelizmente, velozmente*. De acordo com esta distinção, convém notar dois casos:

a) Em final de sílaba que não seja final de palavra, o **x = s** muda para **s** sempre que está precedido de **i** ou **u**: *justapor, justalinear, misto, sistino* (cf. *Capela Sistina*), *Sisto*, em vez de *juxtapor, juxtalinear, mixto, sistino, Sixto*.

b) Só nos advérbios em *mente* se admite **z = s** em final de sílaba seguida de outra. De contrário, o **s** toma sempre o lugar do **z**: *Biscaia*, e não *Bizcaia*.

5º) Distinção entre **s** final de palavra e **x** e **z** idênticos: *aguarrás, aliás, anís, após, atrás, através, Avis, Brás, Dinis, Garcês, gás, Gerês, Inês, Iris, Jesus, jus, lapis, Luís, país, português, Queirós, quis, retrós, revés, Tomás, Valdês; calix, Felix, fenix, flux; assaz, arroz, avestruz, dez, diz, fez* (substantivo e forma do verbo *fazer*), *fiz, Forjaz, Galaaaz, giz, jaez, matiz, petiz, Queluz, Romariz* (Arcos de *Valdevez, Vaz*. A propósito, deve observar-se que é inadmissível **z** final equivalente a **s** em palavra não oxitona: *Cadís* e não *Cadiz*).

6º) Distinção entre as sibilantes

sonoras interiores **s**, **x** e **z**: *acesso, analisar, anestesia, artesão, asa, asilo, Baltasar, besouro, besuntar, blusa, brasa, brasão, Brasil, brisa*, (Marco de) *Canaveses, coliseu, defesa, duquesa, Elisa, Empresa, Ermesinde, Esposende, Frenesi ou frenesim, frisar, guisa, improviso, jusante, liso, lousa, lousã, Luso* (nome de lugar, homónimo de *Luso*, nome mitológico), *Matosinhos, Meneses, Narciso, Nisa, obsequio, ousar, pesquisa, portuguesa, presa, raso, represa, Resende, sacerdotisa, sosimbra, Sousa, surpresa, tisana, transe, trânsito, vaso; exalar, exemplo, exibir, exorbitar, exuberante, inexato, inexorável; abalizado, alfazema, Arcozelo, autorizar, azar, azedo, azo, azorrague, baliza, bazar, beleza, buzina, buzio, comezinho, deslizar, deslize, Exequiel, fuzileiro, Galiza, guizo, helenizar, lambuzar, leziria, Mouzinho, proeza, sazão, urze, vazar, Veneza, Vizela, Vouzela*.

BASE VI

Das sequências consonânticas (I)

O **c** gutural das sequências interiores **-cc-** (segundo **c** sibilante), **-cç-** e **-ct-**, e o **p** das sequências interiores **-pc-** (**c** sibilante), **-pç-** e **-pt-**, ora se eliminam, ora se conservam.

Assim:

1º) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua: *aflicção, aflito, dicionário, absorção, cativo, ação, acionar, ator, afetivo, coletivo, diretor, adoção, adotar, batizar, ato, exato, Egito, ótimo* etc.

2º) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: *compacto, convicção, convicto, ficção, fricção, friccionar, pacto, pictural,*

adepto, apto, díptico, erupção, inepto, eucalipto, nupcias, rapto etc.

3º) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando só se preferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: *facto* e *fato*, *cacto* e *cato*, *caracteres* e *carateres*, *peremptorio* e *perentorio*, *aspecto* e *aspeto*, *ceptro* e *cetno*, *consupção* e *consucção*, *corrupto* e *corruto*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *dicção* e *dicção*, *sector* e *setor* etc.

4º) Quando, nas sequências interiores **-mpc-**, **-mpç-** e **-mpt-**, se eliminar o **p**, de acordo com o determinado nos parágrafos precedentes, o **m** passa a **n**, escrevendo-se, respectivamente, **-nc-**, **-nç-** e **-nt-**: *assumptivel* e *assuntivel*, *assumpção* e *assunção*, *peremptorio* e *perentorio*, *sumptuoso* e *suntuoso* etc.

BASE VII

Das sequências consonânticas (II)

Além do **c** gutural das sequências interiores **-cc-**, **-cç-** e **-ct-**, e do **p** das sequências interiores **-pc-**, **-pç-** e **-pt-**, eliminam-se ou conservam-se consoantes várias de outras sequências, sempre que são invariavelmente mudas ou invariavelmente preferidas em quaisquer pronúncias cultas da língua portuguesa. As mesmas consoantes, porém, conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando só se preferem em alguma pronúncia culta da língua, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento.

Assim:

1º) Eliminam-se: o **c** da sequência **-cd-**, em *anedotas* e respetivos deri-

vados e compostos, assim como em *sinedoque*; o **g** da sequência **-gd-**, em *Emídio* e *Madalena*; o **g** da sequência **-gm-**, em *augmentar*, *aumento*, *fleuma*, *fleumatico*; o **g** da sequência **-gn-**, em *assinatura*, *Inacio*, *Inês*, *senal* etc.; o **m** da sequência **-mn-**, em *condenar*, *dano*, *ginasio*, *onibus*, *solene*, *sono*; o **p** da sequência inicial **-ps-**, em *salmo* e *salmódia*, assim como nos derivados destas palavras; o **s** da sequência **-xs-**, em *exangue* e nas palavras em que está seguido de outra consoante: *expuição*, *extipulaceo*, *extipulado*; o **ph** da sequência de origem grega **phth**, sob a forma de **f**, em *apoteagma*, *ditongo*, *tisico*, *tisiologia* etc.; o **th** da sequência de origem grega **thm**, sob a forma de **t**, em *asma*, *asmático* etc.

2º) Conservam-se: o **g** da sequência **-gm-**, em *apoteagma*, *diafragma*, *fragmento*, *segmento*; o **g** da sequência **-gn-**, em *Agnelo*, *cognato*, *designar*, *significar* etc.; o **ph** da sequência de origem grega **phth**, sob a forma de **f**, tal como **th** seguinte, sob a forma de **t**, em *afta*, *difteria*, *ftartico*, *ftiriase*, *ftrico*, *oftalmologia* etc.; o **th** da sequência da origem grega **thm**, sob a forma de **t**, em *logarítimo*, *ritmo* etc.

3º) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente: o **b** da sequência **-bd-**, em *subdito* (ou *sudito*): o **b** da sequência **-bt-**, em *subtil* (ou *sutil*) e seus derivados; o **g** da sequência **-gd-**, em *amígdala*, *amígdalacea*, *amígdalar*, *amígdalato*, *amígdalite*, *amíglóide*, *amígdalopatia*, *amígdalotomia*, *amígdalectomia* (ou *amídala*, *amídalea*, *amídaloide*, *amídalopatia*, *amídalotomia*, *amídalectomia*); o **m** da sequência **-mn-**, em *amnístia*, *amnístiar*, *indemne*, *indemnidade*, *indemnizar*, *amínodo*, *omnístiar*, *indemne*, *indemnidade*, *indemnizar*, *omnímodo*, *omnípotente*, *omnísciente* (ou *anístia*,

anístiar, indene, indenidade, indenizar, onimodo, onipotente, onisciente); o **th** da sequência de origem grega - **thm-**, sob a forma de **t**, em *aritmética e aritmético* (ou *arimetica e arimético*).

BASE VIII De consoantes finais

As consoantes finais **b, c, d, g e t** mantêm-se, quer sejam mudas, quer proferidas, nas formas onomásticas em que o uso as consagrou, nomeadamente antropônimos e toponimos da tradição bíblica: *Jacob, Job, Moab, Isaac; David, Gad; Gog, Magog; Ben-sabat, Josafat*.

Integram-se também nesta norma: o antropônimo *Cid*, em que o **d** é sempre pronunciado; os toponimos *Madrid* e *Valhadolid*, em que o **d** ora é pronunciado, ora não; e o toponimo *Calecut* ou *Calicut*, em que o **t** se encontra nas mesmas condições.

Nada impede, entretanto, que dos antropônimos em apreço sejam usados sem a consoante final *Jó, Davi e Jacó*.

BASE IX Das vogais atonas

O emprego do **e** e do **i**, assim como do **o** e do **u**, em sílaba atona, regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias:

a) com **e** e **i**: *ameaça, amealhar, antecipar, arrepiar, banear, boreal, campeão, cardeal* (prelado, ave, planta; diferente de *cardial* = "relativo à *cardia*"), *Ceará, codea, enseada, enteadado, Floreal, Janeanes, lendea, Leonardo, Leonel, Leonor, Leopoldo,*

*Leote, linear, meão melhor, nomear, peanha, quase (em vez de *quasi*), real, semean, semelhança, varzea; ameixial, Ameixeira, amial, amieiro, arrieiro, artilharia, capitania, cordial* (adjetivo e substantivo), *corriola, cranio, criar, diante, diminuir, Dinis, ferregial, Filinto, Filipe* (e identicamente *Filinto, Filipinas* etc.), *freixial, giesta, Idanha, igual, imiscuir-se, inigualavel, lampião, limiar, Lumiar, lumieiro, patio, pior, tigela, tijolo, Vimieiro, Vimioso;*

b) com **o** e **u**: *abolir, Alpendorada, assolar, borboleta, cobiça, consoada, consoar, costume, discolo, embolo, engolir, epistola, esbaforir-se, esborcar, farandola, femoral, Freixoeira, girandola, goela, jocosos, magoa, nevoa, nodoa, obolo, Pascoa, Pascoal, Pascoela, polir, Rodolfo, tavao, tavoada, tavola, tombola, veio* (substantivo e forma do verbo *vir*); *agua, aluvião, arcuense, assumir, bulir, camandulas, curtir, curtume, embutir, entupir, femur, fistula, glandula, ingua, jucundo, legua, Luanda, lucubração, lugar, mangual, Manuel, mingua, Nicaragua, pontual, regua, tabua, tabuada, tabuleta, tregua, vitualha.*

Sendo muito variadas as condições etimológicas e fonetico-históricas em que se fixam graficamente **e** e **i** ou **o** e **u** em sílaba atona, é evidente que só a consulta dos vocabulários ou dicionários por indicar, muitas vezes, se deve empregar-se **e** ou **i**, se **o** ou **u**. Há, todavia, alguns casos em que o uso dessas vogais pode ser facilmente sistematizado. Convem fixar os seguintes:

1º) Escrevem-se com **e**, e não com **i**, antes da sílaba tônica, os substantivos e adjetivos que procedem de substantivos terminados em **eio** e **eia**, ou com eles estão em relação direta. Assim se regulam: *aldeão, aldeola, aldeota*, por *aldeia*; *areal, areeiro, a-*

reento, *Areosa*, por *areia*; *aveal*, por *aveia*; *baleal*, por *baleia*; *cadeado*, por *cadeia*; *candeeiro*, por *candeia*; *centeeira* e *centeeiro*, por *centeio*; *colmeal* e *colmeiro*, por *colmeia*; *correada*, *correame*, por *correia*.

2º) Escrevem-se igualmente com **e**, antes de vogal ou ditongo de sílaba tônica, os derivados de palavras que terminam em **e** acentuado (o qual pode representar um antigo hiato: **ea** e **ee**): *galeão*, *galeota*, *galeote*, de *galé*; *guineense*, de *Guiné*: *poleame* e *poleiro*, de *polé*.

3º) Escrevem-se com **i**, e não com **e**, antes da sílaba tônica, os adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos mistos de formação vernácula *iano* e *iense*, os quais são o resultado da combinação dos sufixos *ano* e *ense* com um *i* de origem analógica (baseado em palavras onde *ano* e *ense* estão precedidos de *i* pertencentes ao tema: *horaciano*, *italiano*, *duriense*, *flaviense* etc.); *açoriano*, *caboverdiano*, *camoniano*, *goisiano* ("relativo a Damião de Gois"), *sofocliano*, *siniense* ("de Sines"), *torriense* ("de Torres"), *acriano* ("de Acre").

4º) Uniformizam-se com as terminações **io** e **ia** (atonas), em vez de **eo** e **ea**, os substantivos que constituem variações, obtidas por ampliação, de outros substantivos terminados em vogal: *cumio* (popular), de *cume*; *hastia*, de *haste*; *restia*, do antigo *reste*; *vestia*, de *veste*.

5º) Os verbos em **ear** podem distinguir-se praticamente, grande número de vezes, dos verbos em **iar**, quer pela formação, quer pela conjugação e formação ao mesmo tempo. Estão no primeiro caso todos os verbos que se prendem a substantivos em **eio** ou **eia** (sejam formados em português ou venham já do latim); assim se regu-

lam: *aldear*, por *aldeia*; *alhear*, por *alheio*; *cear*, por *ceia*; *encadear*, por *cadeia*; *pear*, por *peia* etc. Estão no segundo caso todos os verbos que têm normalmente flexões rizotônicas em **eio**, **eias** etc.; desde que não se liguem a substantivos com as terminações atonas **ia** ou **io** (como *ansiar* ou *odiar*): *clarear*, *delinear*, *devanear*, *falsear*, *granjear*, *guerrear*, *hastear*, *nomear*, *semear* etc.

6º) Não é lícito o emprego do **u** final atono em palavras de origem latina. Escreve-se, por isso: *moto*, em vez de *motu* (por exemplo, na expressão *de moto proprio*); *tribo*, em vez de *tribu*.

7º) Os verbos em **oar** distinguem-se praticamente dos verbos em **uar** pela sua conjugação nas formas rizotônicas, que têm sempre **o**, na sílaba acentuada: *abençoar*, com **o**, como *abenção*, *abençoas* etc.; *destoar*, com **o**, como *destoo*, *destoar* etc.

BASE X De *querer* e derivados

Consideram-se normais na escrita corrente as formas: *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, em vez de *quere* e *requere*: *ele quer*, *ele o quer*, *ela requer*, *ela o requer*, *ela o requer*, *quer dizer*, e não *ele quere*, *ele o quere dizer*. São legítimas, entretanto, as formas com **e** final, quando se combina com o pronome enclítico **o** ou qualquer das suas flexões: *quere-o*, *quere-os*, *requere-a*, *requere-as*.

A forma *quer* transmite a sua grafia à conjugação a que deu origem e mantém-na, além disso, em todas as palavras compostas e locuções em que figura: *quer... quer*; *malmequer*; *onde quer que*, *quem quer que*.

BASE XII Das nasais

Na representação das vogais nasais devem observa-se, além de outros suficientemente conhecidos, os seguintes preceitos:

1º) Quando uma vogal nasal tem outra vogal depois dela, a nasalidade é expressa pelo til: *ãatá, desêalmado, êarcado, lûa* (antigo e dialetal), *ûa* (antigo e dialetal).

2º) Quando uma vogal nasal ocorre em fim de palavra, representa-se a nasalidade pelo til, se essa vogal é de timbre **a**; por **m** se possui qualquer outro timbre e termina a palavra; e por **n**, se é de timbre diverso de **a** e está seguida de **s**: *afã, grã, lâ, orfã, clarim, tom, vacum, flautins, semitons, zunzuns*.

3º) Os vocabulos terminados em **ã** transmitem esta representação do **a** nasal aos advérbios em *mente* que deles se formem, assim como a derivados em que entrem sufixos precedidos do infixo **z**: *cristãmente, imãmente, imãmente, sãmente; lâzudo, maçãzita, maçãzinha, manhãzinha, romãzeira*.

Em complemento dos preceitos de representações das vogais nasais, importa notar que nas combinações dos prefixos **in** (tanto o que exprime negação) e **en** (diferente do elemento **en**, resultante da preposição **em**: *enfim, enquanto*) com elementos começados por **m** ou **n**, não se admitem, quanto à escrita normal, as sequências **mm** e **nn**, as quais se reduzem, respectivamente, a **m** e a **n**: *imergir, inovação, inato* (quer no sentido de "congenito", quer no de "não nascido"), e não *immergir, innovação, innato; emagrecer, emoldurar, enegrecer,*

enobrecer, e não emmagrecer, emoldurar, ennegrecer, ennobrecer. Em coerência com o disposto, grafar-se-á *conosco*.

BASE XIII Dos ditongos

1 – Os ditongos orais, que em parte tanto podem ser tônicos como atônicos, distribuem-se por dois grupos gráficos principais, consoante a subjuntiva soe **i** ou **u**: **ai, ei, oi, iu, ui; au, eu, ou**: *braçais, caixote, deveis, eirado, farneis, farneizinhos, goivo, goivar, lençóis, lençoizinhos, tafuis, uivar; cacau, cacauero, deu, endeusar, ilheu, ilheuzito, mediu, passou, regougar*. Admitem-se, todavia, excepcionalmente, à parte destes dois grupos, os ditongos **ae** (= **âi** ou **ai** e **ao** (= **âu** ou **au**): o primeiro, representado nos antropônimos *Caetano* e *Caetana*, assim como nos respectivos derivados e compostos (*caetaninha* etc.); o segundo, representado nas combinações da preposição **a** com as formas masculinas do artigo ou pronome masculinas do artigo ou pronome demonstrativo **o**: ou sejam *ao* e *aos*.

Cumprido fixar, a propósito dos ditongos orais, os seguintes preceitos particulares:

1º) É o ditongo **ui**, e não a sequência vocalica **ue**, que [ocorre] sempre nas formas de 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e igualmente na de 2ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em **uir**: *constituis, influi, retribui*. Harmonizam-se, portanto, essas formas com todos os casos de ditongo **ui** da sílaba final ou fim de palavra (*azuis, fui, Guarda-fui* etc.); e ficam assim em paralelo graficofonético com as formas de 2ª e 3ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em **air** e em **oer**:

atrais, cai, mois, remoi, soi.

2º) É ditongo **ui** que representa sempre, em palavras de origem latina, a união de um **u** a um **i** atono seguinte. Não divergem, portanto, formas como *fluido* de formas como *gratuito*. E isso não impede que nos derivados de formas daquele tipo as vogais **u** e **i** se separem: *fluidico, fluidez* (u-i).

3º) Além dos ditongos orais propriamente ditos, os quais são todos decrescentes, admite-se, como é sabido, a existencia de ditongos crescentes. Podem considerar-se no numero deles os encontros vocalicos postonicos, tais o que se representam graficamente por **ea, eo, ia, ie, oa, ua, ue, uo**: *aurea, aureo, colonia, especie, eximio, magoa, mingua, tenue, triduo*.

I - Os ditongos nasais, que na sua maioria tanto podem ser tonicos como atonos, pertencem graficamente a dois tipos fundamentais: ditongos constituídos por vogal com til e subjuntiva vocalica; ditongos constituídos por vogal e consoante nasal, tendo esta o valor de ressonancia. Eis a indicação de uns e outros:

1º) Os ditongos constituídos por vogal com til e subjuntiva vocalica são quatro, considerando-se apenas a linguagem normal contemporanea: **ãe** (usado em vocabulos oxitonos e derivados); **ãi, ão e õe** (usados em vocabulos anoxitonos e derivados). Exemplos: *cães, Guimarães, mãe, mãezinha; câibas, câibeiro, câibra, zãibo; mão, mãozinha, não, quão* (não *quam*), *sotão, sotãozinho, tão*, (não *tam*); *Camões, orações, oraçãoezinhas, põe, repõe*. Ao lado de tais ditongos **ũi**, que se apresenta sem o til nas formas *muito* e *mui*, por obediencia à tradição.

2º) Os ditongos grafados por vogal e consoante nasal equivalente a ressonância são dois: **am** e **em**. Divergem, porem, nos seus empregos:

a) **am** (sempre atono) só se emprega em flexões verbais onde nunca é licito substitui-lo por ão: *amam, deviam, escreveram, puseram*;

b) **em** (tonico ou atono) emprega-se em palavras de categorias morfologicas diversas, incluindo flexões graficas, determinadas pela posição, pela acentuação ou simultaneamente pela posição e pela acentuação: *bem, Bembom* (toponimo), *Bemposta, cem, devem, nem, quem, sem, tem, virgem, Bencanta, bens, enfim, enquanto, homenzarrão, homenzinho, nuvenzinha, tens, virgens; amem* (variação de *amen*), *armazem, convem, mantem, ninguem, porem, santarem, tambem, convêm, mantêm, têm* (3^{as} pessoas do plural); *armazens, desdens, convens, retens, Belenzadas, vintenzinho*.

BASE XIV

Da acentuação grafica

O sistema de acentuação grafica da lingua portuguesa obedecerá às seguintes disposições:

1º) O acento grave (`), segundo o modelo das formas **ã** e **ãs**, resultantes a contração da preposição **a** com a flexões femininas do artigo definido ou pronome demonstrativos **a** e **as**, notará as contrações da preposição **a** com o **a** inicial das formas pronominais demonstrativas *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, aqueloutro, aquelas, àqueloutro, àqueloutra, aqueloutros, àqueloutras*.

2º) O acento agudo (^) notará as

vogais **a**, **e** e **o** abertas seguidas ou não de **s** de vocabulos agudos ou oxítonos: *pá, pás, pé, pés, pó, pós, rajá, rajás, cafés, enxó, pó, pós, rajá, rajás, cafés, enxó, enxós*; notará também, facultativamente, as formas *louvá-mos, amámos* e conexas conjugação em contraste com as formas *louvamos, amamos* e conexas do presente do indicativo.

3º) O acento circunflexo (^) notará:

a) as palavras agudas ou oxítonas terminadas nas vogais **e** e **o** fechadas seguidas ou não de **s**: *vê, vês, mercê, mercês, rô, rês, robô, robôs*;

b) as formas da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter* e *vir*, *têm* e *vêm*, e dos seus compostos *contêm, convêm, mantêm, provêm* etc.; em contraste com as do singular *tem, vem, contem, mantem, provem* etc.; em relação com o disposto, lembre-se que às formas do singular *lê, vê, crê, relê, revê, descrê* etc.; opõem-se *leem, creem, releem, reveem, descreem* etc.; do plural;

c) a flexão *pôde* do preterito perfeito do verbo *poder* em contraste com a flexão *pode* do presente do indicativo do mesmo verbo, bem como os substantivos *forma* e *fôrmas*, em contraste com *forma* e *formas*, flexões do verbo *formar* e também substantivos.

4º) Em casos de ambiguidade contextual que possa ser desfeita pela acentuação grafica, fica facultativo o uso do acento para dirimi-la. Não há por exemplo, ambiguidade contextual em "*fabricas* o que quiseres com *fabricas* cibernetizadas", nem em "é preciso *por* tento no que se faz, *por* amor dos outros".

BASE XV

Do hífen em compostas e locuções

1º) Os compostos formados por elementos que não apresentam concordancia interna grafam-se aglutinadamente: *madreperola (madreperolas), madressilva (madressilvas), pontapé (pontapés), sulafricano (sulafricanos), norteamericano (norteamericanos), portoalegrense (portoalegrenses), sãotomense (sãotomenses), pontalimense (pontalimenses), matogrossense (matogrossenses), espirito-santense (espiritossantenses), audiovisual (audiovisuais), lusobrasileiro (lusobrasileiros), lusoafriicano (lusoafriicanos), afro-lusobrasileiro (afro-lusobrasileiros), girassol (girassois), contagota (contagotas), fincapé (fincapés), guardachuva (guardachuvvas), paraquedista (paraquedistas), malmequer (malmequeres), bemequer (bemequeres), Tiradentes* etc.

2º) Todos os outros compostos, reais ou aparentes, cujos elementos constituintes apresentem concordancia interna ou estejam ligados por preposição, artigo ou qualquer outra forma, assim como as locuções de qualquer especie, grafar-se-ão sem aglutinação e sem hífen: (nisso compreendido, os toponimos do tipo *Quebra Frascos, Passa Quatro, Abre Campo* etc.): *medico cirurgião (medicos cirurgiões), arcebispo bispo (arcebispos bispos), rainha claudia (rainhas claudias), alcaide mor (alcaides mores), guarda noturno (guardas noturnos), primeiro ministro (primeiros ministros), azul escuro (azuis escuros); Grã Bretanha, Grão Pará, Porto Alegre, Belo Horizonte, Castelo Branco* etc.; *agua de colonia, cor de rosa, sala de jantar, América do Sul* etc.; *Plinio o Antigo, Entre os Rios, Três Rios, Trás os Montes, mais que perfeito* etc.; *ao deus dará, à queima*

roupa, por dá cá aquela palha etc.; cada um, ele proprio, nós mesmos, quem quer que seja etc.; em cima, por certo, abaixo de, a fim de, ao passo que, logo que etc.

3º) Emprega-se o hífen nos vocabulos terminados por sufixos de origem tupi que representam formas adjetivas, como *açu, guaçu, mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronuncia exige a distinção grafica dos dois elementos: *amóréguaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim* etc.

4º) É proscrito o emprego do hífen nas ligações da preposição **de** às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver* tipo *hei de, há de* etc.

5º) Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocabulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*, e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de toponimos (tipo *Austria-Hungria, Alsacia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro* etc.).

6º) Emprega-se o hífen na tmese da conjugação portuguesa (tipo *amá-lo-ei, enviar-lhe-emos* etc.), e na enclise (tipo *amá-lo, partir-lhe, dá-se* etc.).

BASE XVI Do hífen na prefixação

Na prefixação, não se emprega o hífen, salvo quando se trate dos prefixos **sem, ex** (no sentido de cessamento do estado anterior), **vice, vizo,**

alem, recem, aquem ou prefixos que têm acento gráfico proprio (como **pós, pré, pró**). A exemplificação a seguir é ilustrativa.

1) *contrapartida, contraalmirante, contraarmonico, contrassenha, extraforte, extraaxilar, extraumano, extraterritorial, extrarregulamentar, extrassecular, infraaxilar, infraepatico, infrarrenal, infranormal, inframedio, infrassom, intraatomico, intrarradial, intraepatico, intraocular, intrarraquidiano, intrassegmentar, suprapotente, supaaaxilar, supraepatico, suprarrenal, suprassensível, ultraveloz, ultraumano, ultraocular, ultraoceanico, ultrarromantico, ultrassom, autoeducação, autorretrato, autossugestão, autorretrato, autossugestão, neoescolastico, neoelenico, neorpublicano, neossocialista, prototipo, protoarico, protoistorico, protorromantico, protossulfureto, pseudoapostolo, pseudorrevelação, pseudossabio, antiigienico, antiiberico, antiimperialista, antirreligioso, antissemita, arquiiperbole, arquiirmandade, arquirrabo, arquissecular, semiinterno, semirreta, semisselvagem, semilatente, entreistorico, anteistorico, entreostil, sobreumano, hiperumano, hipersensível, interelenico, interressistente, superomem, superrequintado, abrogar, adrenal, obrepticio, absoluto, adjacente, obcecado, subbibliotecario, subepatico, subrogar, sobroda, sobrojar, subtenente, subdelegado, submarino, circuncisão, circunavegação, circumurado, correspondencia, coonestação, coautoria, codialeto, coerdeiro, coproprietario, maldizente, malquisto, malquerença (a par de máquerença), malcriação (a par de macriação), malaventurado, malumorado, malado, malamada, pamastite, pamplegia, pampsiquismo, panenteismo, panafricano, panamericanos, panelenico, paniconografia, benquisto, benfazer, benquerente,*

benquerer, benvindo, bemaventurança, sotocapitão, sotomestre,

2) *sem-cerimonia, sem-numero, sem-razão, ex-diretor, ex-ditador, ex-correligionario, ex-primeiro ministro, vice-almirante, vice-consul, vice-primeiro ministro, vizo-rei, vizo-reinado, vizo-reinar, alem-atlanticidade, alem-mar, aquem-fronteiras, pós-glaciario, pós-socratico, pré-historico, pré-sonofilia, recém-casado, recém inaugura-da.*

Os vocabularios autorizados elucidarão os raros casos em que haja necessidade de esclarecer a silabação, como em *abrogar* (ab/ro/gar), *bemaventurado* (bem/a/vem/tu/ra/do) e afins.

BASE XVII Do apóstrofo

1º) Quando usadas aglutinadamente com artigos, demonstrativos, pronomes, advérbios iniciados por vogal, as preposições **de** e **em**, reduzidas a **d** e **n**, não são seguidas de apóstrofo: *do, da, das, dela, deles, destes, dalguns, dantes* etc.; *no, nas, nestes, nalguns, nalquem* etc., preservando-se, não havendo aglutinação, o uso das formas *de o, de as, de ela, de estes, de eles, de alguns de antes* etc., *em o, em a, em as, em eles, em estes, em alguns, em alguem* etc.

2º) Faz-se o uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação: *d'Os Lusíadas, d'Os Sertões, n'Os Lusíadas, n'Os Sertões* etc. (mas não em ocorrências do tipo *importancia atribuida a A Reliquia, a referencia a Os Sertões* etc.).

3º) Pode cindir-se por meio de apóstrofo uma contração ou aglutina-

ção para realçar com maiúscula inicial entidades – tipo *d'Ele, pel'O, n'Aquele que é a Vida* (mas sem apóstrofo em *a O, a A, a Aquele, a Aquele* etc.).

4º) Usar-se-á do apóstrofo nas aglutinações com **de** ou **em** e a contração **na**, reduzida a **d** ou **n**, com a vogal inicial de nomes substantivos ou adjetivos do tipo *d'alho, d'agua, d'amorosos sentimentos, n'agua, n'alma* etc., que alternam, se não aglutinadas, com *de alho, de agua, da agua, de amorosos sentimentos, na alma* etc.

5º) Em aglutinações antigas, é facultado usar o apóstrofo em casos de tipo *Sant'Ana, Sant'lado, Pedr'Alvares* etc., ou *Santana* ou *Santa Ana, Santiago* ou *São Tiago, Pedralvares* ou *Pedro Alvares* etc.

BASE XVIII Das minúsculas e maiúsculas (I)

1º) A letra minúscula inicial é usada:

a) ordinariamente, em todos os vocabulos da lingua nos usos correntes;

b) nos nomes dos dias, meses, estações do ano, nos biblionimos (após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocabulos dos biblionimos **podem** ser escritos com minúscula, salvo nos nomes proprios neles contidos, tudo em grifo); *A Ilustre Casa de Ramires* ou *A ilustre casa de Ramires*; nos usos de *fulano, sicrano, beltrano*, nos pontos cardeais (mas não em suas abreviações); nos oxionimos (*senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mario Abrantes, santa Filomena, e cardeal Bembo*); nos nomes de disciplinas, de cadeiras, de cursos;

c) opcionalmente, as minúsculas iniciais podem ser substituídas pelas maiúsculas, nos hageionimos, nos nomes de disciplinas, cadeiras, cursos.

2º) A letra maiúscula inicial é usada:

a) ordinariamente, nos antropônimos ou toponimos, reais ou fictícios, nos nomes de seres antropomorfizados, nos intitulativos institucionais (*Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social*), nos nomes de festas e festividades, nos títulos de periódicos (*O Primeiro de Janeiro, O Estado de São Paulo* ou *S. Paulo*, que retêm o grifo), nos pontos cardeais ou equivalentes quando empregados absolutamente (*Nordeste*, por nordeste do Brasil, *Norte*, por norte do Brasil, *Meio Dia*, pelo sul da França ou de outros países, *Ocidente*, por ocidente europeu, *Oriente*, por oriente asiático):

b) em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em versal;

c) opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, alicamente ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos (*rua* ou *Rua da Liberdade*, *largo* ou *Largo dos Leões* de templos (*igreja* ou *Igreja do Bonfim*, *templo* ou *Templo do Apostolado Positivista*), de edifícios (*palacio* ou *Palacio da Cultura*, *edificio* ou *Edificio Azevedo Cunha*).

BASE XIX

Das minúsculas e maiúsculas (II)

As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem

regras próprias, provindas de normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.) promanadas de entidades científicas ou normalizadoras reconhecidas internacionalmente.

BASE XX

Da divisão silábica

A divisão silábica, que em regra se faz pela soletração (*a-ba-de, bruma, ca-cho, lha-no, ma-lha, ma-nha, ma-xi-mo, o-xi-do, ro-xo, tme-se*), e na qual, por isso, se não tem de atender aos elementos contitativos dos vocabulos segundo a etimologia (*bi-sa-vô, de-sa-pa-re-cer, di-su-ri-co, e-xa-ni-me, i-na-bil, o-bo-val, su-bo-cular, su-pe-ra-ci-do*), obedece a varios preceitos, particulares, que rigorosamente cumpre seguir, quando se tem de fazer em fim de linha, mediante o emprego do hífen, a participação de uma palavra:

1º) São indivisíveis no interior de palavra, tal como inicialmente, e formam, portanto, sílaba para a frente, as sucessões de duas consoantes que constituem grupos perfeitos, ou sejam em **b** ou **d**: *ab-//legação, ad-//ligar, sub-//lunar* etc., em vez de *a-//blegação, a-//dligar, su-//blunar* etc.; aquelas sucessões em que a primeira consoante é uma labial, uma gutural, uma dental ou uma labiodental e a segunda um **l** ou um **r**: *a-//blução, cele-//brar, du-//plicação, re-//primir, a-//clamar, de-//creto, de-//glutinação, re-//grado; a-//tletico, cate-//dra, perime-//tro; a-//fluir, a-//fricano, ne-//vrose*.

2º) São divisíveis no interior de palavras as sucessões de duas consoantes que não constituem propriamente grupos e igualmente as sucessões de uma ressonancia nasal e

uma consoante: *ab-//dicar, ed-//gar, op-//tar, sub-//por; ab-//soluto, ad-//jetivo, af-//ta, bet-//samita, ob-//viar; des-//cer, dis-//ciplina, flores-//cer, nas-//cer, res-//cisão, ac-//ne, admiravel, Daf-//ne, diafrag-//ma, drac-//ma, et-//nico, rit-//mo, sub-//meter; am-//nesico, interam-//nense; bir-//reme, cor-//roer, pror-//rogar; as-//segurar, bis-//secular, sos-//segar; bissex-//to, contex-//to, ex-//citar, atroz-//mente, capaz-//mente, infelizmente; am-//bição, desen-//ganar, en-//xame, man-//chu, Man-//lho, marim-//bondo, dig-//nidade, Ag-//nelo, ag-//nostico etc.*

3º) As sucessões de mais de duas consoantes ou de uma ressonância nasal e duas ou mais consoantes são divisíveis por um de dois meios: se nelas entra um dos grupos que são indivisíveis de acordo com o preceito 1º), esse grupo forma sílaba para diante, ficando a consoante ou consoantes que o precedem ligadas à sílaba anterior; se nelas não entra nenhum desses grupos, a divisão dá-se sempre antes da última consoante. Exemplo: *com-//braia, ec-//lipse, em-//blema, ex-//plicar, in-//cluir, ins-//criação, subs-//crever, trans-//gredir, abs-//tenção, ar-//tropode, disp-//heia, inters-//telar, lamb-//dacismo, sols-//ticial, tungs-//tenio.*

4º) As vogais consecutivas que não pertencem a ditongos decrescentes (as que pertencem a ditongos decrescentes (as que pertencem a ditongos deste tipo nunca se separam: *ai-//roso, cadei-//ra, insti-//tui, ora-//ção, sacris-//tães, traves-//sões*) podem, se a primeira delas não é **u** precedido de **g** ou **o**, mesmo que sejam iguais, separar-se na escritura: *ala-//ude, are-//as, ca-//apeba, co-//ordenar, do-//er, flu-//idez, perdo-//as, vo-//os*. O mesmo se aplica aos casos de

contiguidade de ditongos, iguais ou diferentes, ou de ditongos, iguais ou diferentes, ou de ditongos e vogais: *cai-//as, cai-//eis, ensai-//os, flu-//iu.*

5º) Os diagramas **gu** e **qu** em que o **u** se não pronuncia, nunca se separam da vogal ou ditongo imediato (*ne-//gue, ne-guei; pe-//que, pe-//quei*), do mesmo modo que as combinações **gu** e **qu** em que o **u** se pronuncia: *a-//gua, ambi-//guo, averi-//gueis; longin-//quos, lo-//quaz, quais-//quer.*

6º) Quando se tem de partir uma palavra composta ou uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, e a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, pode, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata: *ex-alferes, serená-//los-emos* ou *serená-los-//emos, vice-//almirante.*

BASE XXI

Dos pontos de interrogação e exclamação

O ponto de interrogação e o ponto de exclamação apenas se empregam nas suas formas normais (? e !).

BASE XII

Das assinaturas e firmas

Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume, adote na assinatura do seu nome.

BASE XXIII

Dos toponimos estrangeiros

Recomenda-se que os toponimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernaculas, quando estas sejam antigas e ainda vivas em português ou

quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente. Exemplo: *Anvers*, substituído por *Antuérpia*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Genève*, *Genebra*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Milano*, por *Milão*; *München*, por *Munique*; *Torino*, por *Turing*; *Zürich*, por *Zurique* etc.

Rio de Janeiro, 12 de maio de 1986.

Este documento foi publicado por Antônio Houaiss na *Revista Brasileira de Língua Portuguesa*, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, ano IX, número 15, 1º e 2º semestres de 1987, no Rio de Janeiro, pela SUAM (Sociedade Universitária Augusto Motta), p. 75-88, e transcrito aqui como parte da comemoração do Centenário da Ortografia Oficial da Língua Portuguesa.